

Os Entrelaçamentos Entre Comunicação e Cultura na América Latina¹

Michele Dacas²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Resumo

Ancorada na interface entre comunicação e cultura, este trabalho visa contribuir para um entrelaçamento de áreas como a comunicação e a cultura e a sua contribuição para a compreensão de práticas midiáticas contemporâneas. Operamos, inicialmente, na busca por um aporte teórico que problematize o universo da comunicação mediante um entendimento da cultura por meio das tensões e antagonismos que dinamizam e produzem diferentes processos midiáticos. Tensões estas que residem na confluência de estratégias hegemônicas e contra-hegemônicas no campo de disputa por representação cultural através de diferentes processos midiáticos.

Palavras-chave

Comunicação, Cultura, América Latina, Estudos Culturais

Introdução

Adentramos ao paradigma dos estudos culturais por esses serem concebidos não como uma disciplina ou campo de estudo, mas uma abordagem que interpreta e dialoga com diferentes áreas do conhecimento, conforme salienta Frederic Jameson (1993). Para o autor essa abordagem mais do que trazer implicações interdisciplinares, atua de forma efetiva buscando legitimar institucionalmente os manifestos intelectuais, questões de grupos e movimentos sociais, através da problematização das identidades culturais em distintos lugares de disputa política. “Las tensiones entre identidades de grupo, pudiera uno pensar, ofrece nun campo de fuerza más productivo que las ambivalências interdisciplinarias” (JAMESON, 1993, p. 100).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG

Muitas são as áreas articuladas com os estudos culturais, tanto no sentido de serem complementares ou na tensão disjuntiva promovida pela classificação epistemológica dos fenômenos. No entanto a interface em relação aos processos comunicativos há muito é uma correspondente tradicional de investigação. Ao passo que outras áreas como a antropologia e a sociologia se confundem ou demonstram outro modo de ver a esfera de pensamento desses cânones do saber.

Para Jameson (1993) as dimensões dos processos comunicativos ocorrem conforme as transformações dos mecanismos tecnológicos de interação e prediz a interpretação das produções de texto tão somente em conjunto com a produção de espaços. Da mesma forma que considera como se constituem os significados sociais por meio da topografia e interpretação da instância do consumo.

Os estudos culturais apresentam uma vocação em que tecem abordagens interdisciplinares, além de analisar os fenômenos sociológicos e antropologicamente, considerando acima de toda a trama de relações de poder as estruturas e implicações econômicas em torno dos produtos culturais, para extrair interpretações dos significados sociais produzidos pelas culturas e as distintas representações tanto em termos de consumo quanto de processos criativos. Não sucumbir a uma análise e reflexão isolada desses produtos culturais tem sido a característica principal da abordagem dos estudos culturais, sobretudo os britânicos (Canclini, 2006).

Sobre essa característica dos estudos culturais o autor também chama atenção para a configuração dos estudos sobre cultura na América Latina, protagonizada por expoentes teóricos como Beatriz Sarlo e Jesús Martín-Barbero que não se delimitam a uma simples afiliação das linhas epistemológicas existentes. Para além disso os teóricos latino-americanos propõem uma abordagem local, considerando as influências das leituras textuais e sua relação com os contextos sociais, atentando-se para uma conjuntura local, tanto empírica quanto metodológica, entre outras estratégias de investigação.

Assim como esses autores, Canclini também demarca um momento importante dos estudos culturais, não apenas como mera posição de precursores latino-americanos, mas também pela imensa contribuição para a renovação dessa abordagem no que diz respeito a inserção de importantes conceitos como hibridismo e interculturalidade. Assim como o conceito de mediação conforme desenvolvido por Martín-Barbero (2009) são resultados da interpretação das formações específicas das indústrias culturais latino-americanas, introduzindo questionamentos e novos olhares para universos mais amplos a partir da

própria realidade. “A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento” (Martín-barbero, 2009, p.28).

Estas visadas e a implicação de ajustar a tríade entre temáticas, epistemologia e metodologia tornaram os estudos culturais um vasto caminho, embora não definido, de possibilidades e até mesmo de rupturas com paradigmas teóricos. A cultura foi convertida de um sistema de valores, costumes e tradições espacialmente justificadas para um conjunto de sentidos compartilhados diante da produção circulação de símbolos e signos através da linguagem específica dos meios.

A centralidade do papel da cultura na constituição da vida social é inaugurada com esses estudos que a colocam como uma questão de sentidos adquiridos pelas trocas mediadas por meio das tecnologias de comunicação. Passa a demonstrar que as relações de produção e consumo culturais expressam as formas de vida de um grupo social, além de transformar a própria comunicação em um fenômeno sociocultural. Questões como o consumo inserido no processo de produção de sentidos através das práticas interpretativas e usos dos conteúdos mediatizados deslocaram a cultura para uma categoria que conforma os modos de vida na sociedade.

Essa notoriedade da cultura não foi um modo de colocá-la em oposição a outros aspectos da vida social, como o econômico. Pelo contrário, a cultura é vista de maneira articulada com as demais esferas do conhecimento e da experiência vivida. Um exemplo disso é a extinção da noção entre alta e baixa cultura que os estudos culturais revogaram, considerando as implicações de classe para esta distinção. Não somente a cultura, mas a cultura popular em específico, com os meios de comunicação de massa, os seus rituais de consumo e produção, seus comportamentos e modos de interpretar o mundo tomaram o foco central de modos de organização da vida social. Os estudos culturais, conforme afirma Ana Carolina Escosteguy (2011, p.25), falaram de cultura das classes menos favorecidas em “um momento onde o pensamento dominante reduzia essas camadas sociais a um nível pré-cultural de existência”.

Diante disso, refletiu-se sobre a desconexão entre as epistemologias e metodologias de análise recorrentes para explica a vida social e as práticas existentes. Em âmbito geral, o termo cultura reivindica uma atenção para as formações de identidades coletivas adjacentes aos processos globais de comunicação. As identidades culturais perpassam e influenciam efetivamente as manifestações sociais. De forma que pensar em uma singularidade dos

fenômenos em relação aos seus contextos não prediz uma categorização homogênea dos grupos, principalmente em consideração com as fronteiras simbólicas entre camadas distintas, com base em Escosteguy (2011).

Segundo a autora, não só esse escalonamento subjetivo concretizado por meio das identidades coletivas e os seus processos simbólicos cooperam para o entendimento de cultura, mas também as determinações estruturais estabelecem as características das vivências sociais dos indivíduos. Fazem parte dela a história, os modelos políticos e os fatores econômicos que a colocam não apenas como um conceito, mas como um lugar de tensão entre processos sociais hegemônicos e contra-hegemônicos.

Em uma perspectiva local dos estudos sobre cultura latino-americanos refletimos a indagação de Canclini (1985) em um ensaio sobre a autonomia do campo da cultura nos processos históricos, sociais e políticos da América Latina. Sobre o tema o autor afirma que o continente latino-americano construiu um processo tardio em relação às outras regiões. Para ele, isso se deve aos processos de colonização a que foram submetidos os estados-nações latino-americanos no século XIX. Ao passo que as nações europeias desvencilharam-se do controle da igreja e segmentaram as áreas do saber, legitimando o conhecimento e a veracidade empírica.

Apenas em meados do século XX que o desenvolvimento industrial ocasionou a constituição de um mercado consumidor de produtos culturais para essa região. Somente então pode-se lograr algum tipo de independência criativa e autonomia intelectual na esfera da cultura para a América Latina. “La experimentación artística estrechó sus relaciones con las vanguardias internacionales, incorporó materiales y procedimientos de lanuevatecnología, renovó la función de la plástica, el teatro, la literatura y el cine”, (Canclini, 1985, p.155).

Porém o desenvolvimento de um campo impulsionado pela profissionalização e qualificação produtiva em consonância com o avanço de práticas científicas e artísticas, um quadro que define a autonomia cultural, sucumbiu diante dos obstáculos das estruturas de poder e dominação social e econômica mantidas sobre os países da América Latina. Historicamente, como relata Canclini (1985) houve um declínio da expectativa gerada pela expansão dos mercados simbólicos periféricos. A motivação idealizada pela experimentação artística através do cinema, das plásticas, da literatura e do teatro em consonância com a asserção intelectual não proliferou diante da dependência do campo cultural latino-americano pelas estruturas políticas e econômicas hegemônicas.

Apesar das relações capitalistas terem promovido certo desenvolvimento do âmbito artístico e científico, por outro lado os países com frágeis democracias passaram então a serem submetidos à coerção das leis de mercado. Sem que o Estado assegurasse algum tipo de sustentabilidade para a produção e circulação artística e intelectual, a experimentação foi direcionada para doutrinas mercadológicas sem pretensão de resguardar a criação mediante as necessidades sociais dos usuários. Entre as novas modalidades de dependência que surgiram e afetaram diretamente qualquer tentativa de autonomia do campo da cultura podemos citar como consequência do capital e do avanço tecnológico centralizado as seguintes questões:

“El alejamiento entre metropolis y países que se acrescenta em la formación de cuadros intelectuales y em la expansión educativa, el control externo del estilo de desarrollo, la programación masiva y centralizada de las culturas locales, la dificultad para definir em forma autónoma los modos de participación social según la historia cultural y política de cada nación (...) la reducción del apoyo estatal favorece nuevas intervenciones de la iniciativa privada e nel financiamiento, orientación y control de la producción científica y artística, la mercantilización intensiva de la sarteranías y otras manifestaciones de la cultura popular, el encerramiento de las artes de vanguardia em circuitos marginales y la adaptación de los contenidos y las formas de las belas artes para facilitar su difusión comercial”. (CANCLINI, 1985, p.158)

A dominação criativa mercadológica implicou no disciplinamento de modos de vida social e instaurou regimes de imposição de um sistema monetarista hegemônico, tal como o autor observa com os golpes de estado nos países da América Latina. Esses modelos totalitários aniquilaram através de decretos e procedimentos coercitivos, qualquer meio de invenção de uma autonomia produtiva e de consumo cultural como forma de controle. Os resquícios das ditaduras nos países periféricos ficaram eternamente cauterizados ao contexto social, econômico e político latino-americano, interferindo principalmente na própria questão das representações simbólicas dessa identidade coletiva. No campo intelectual surgiram os Estudos Culturais Latino-Americanos preconizados por autores de renome na área da comunicação, como Martín-Barbero que na década de oitenta inauguraram as pesquisas com ênfase na recepção e nas mediações do público na agenda social e coletiva dos produtos midiáticos.

Embora possamos constatar que seja necessária a consolidação da autonomia do campo da cultura por parte dos seus agentes, deve ser mantida flexibilidade desses estudos como interdependência com outras áreas. Assim como a articulação com as esferas da vida social e a implicação do contexto para a compreensão dos fenômenos da cultura.

Sinalizamos que em estudos mais recentes de Canclini (2010) é ilustrado que a diretriz da autonomia do campo cultural, em sua égide criativa, intelectual e de consumo, ocorre em um contexto denominado por globalização, diferente de um tempo em que a comunicação e as artes operavam dentro dos limites do território nacional.

Para Canclini (2010), a globalização é o poder disseminado, que transborda as noções binárias entre o confronto do que pertence ao local e o que é da ordem do global. A globalização é um processo que afeta à quase todos por meio de estruturas institucionais, organismos de toda escala e mercados de bens materiais e simbólicos. Suas consequências e escalas são mais difíceis de identificar, controlar ou determinar como positivas ou negativas. A globalização é causa e efeito em contradição conforme é descrita abaixo:

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, *majors* do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que esses atores reordenam o mundo na segunda metade do século XX. Mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes, por produtores de cinema e televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos. (CANCLINI, 2010, p.29)

Principalmente a globalização não é um fenômeno tangível, por mais que também ocorra na materialização das regras de mercados que dinamizam o cotidiano, a ciência e a arte, ela não figura um objeto palpável e consistente. É caracterizada pela contradição das relações produtivas, da criatividade, da difusão e do consumo culturais, de modo que é também descrita por meio de narrativas e desígnios simbólicos. Segundo o autor muitos dos processos globalizadores correspondem a esta contradição, por um lado as dimensões tecnológicas, de fluxos de mercado e de pessoas que aproximam distantes e por outro, movimentos que irrompem essas narrativas e demonstram as fraturas do fenômeno como o movimento das migrações.

A globalização efetiva ou imaginada dos bens, das comunicações, do capital e dos fluxos de pessoas incide sobre todos, por mais que seja de forma desigual, ela confronta nesse duplo movimento de convergência e distanciamento diferentes estilos de vida e representações culturais. Nessa perspectiva a globalização vista a partir do campo da cultura não extingue de modo algum a relação com outras esferas. Ao contrário disso, ela coloca o campo da cultura como sendo tangencial a estas articulações, sendo próprio desta área

analisar os conflitos entre os imaginários criados pela integração multicultural propiciada pelos meios de comunicação. Nesse ínterim “as identidades parecem incompatíveis, mas nem por isso os negócios e o intercâmbio midiático deixam de aumentar” (Canclini, 2007, p.12).

Conforme o autor, entre os produtos midiáticos a indústria do audiovisual parece ser o lugar onde a globalização obtém mais expressão, no qual música, cinema, televisão e informática vem sendo organizados para serem difundidos em todo o planeta. Numa fusão que os coloca em circulação basicamente através do desenvolvimento de tecnologias como a internet. “O sistema multimídia que integra parcialmente esses quatro campos oferece possibilidades inéditas de expansão transnacional até nas culturas periféricas” (Canclini, 2007, p.13), o que coloca muitas vezes relações assimétricas entre países, regiões e movimentos globalizadores.

As desigualdades no contexto da globalização acabam por reproduzir as dicotomias entre modelos de dominação e resistência vivenciados em meados dos séculos XIX e XX do imperialismo colonial e industrial. No entanto a globalização em via da circulação, produção e consumo de mensagens simbólicas, além dos bens materiais não unifica as diferenças culturais, mas sim, tramita essa diversidade amplamente conflituosa. Quando o processo de globalização possibilita a abertura de mercados, circuitos de comunicação e consumo comuns, alianças políticas e financeiras para o domínio de poucos países e regiões ela também influencia uma variedade de campos de disputa por representação cultural.

Após essa trajetória sobre a importância da cultura para a compreensão e organização da sociedade, assim como a construção de uma abordagem flexível através dos estudos culturais, chegamos a uma etapa de definição do seu conceito. Diante disso buscamos superar a determinação clássica do conceito de cultura e conjugá-lo conforme distintas concepções, priorizando, acima de tudo, uma definição transversal de seu conceito conformado as várias perspectivas dessas áreas do conhecimento, principalmente a da comunicação.

Raymond Williams, teórico fundador dos Estudos Culturais Britânicos nos traz uma contribuição importante até os dias atuais. O autor idealiza uma compreensão da cultura como a esfera dos sentidos que unifica as dimensões da produção e das relações sociais, uma perspectiva capaz de “guiar em uma análise duplamente material e cultural dos processos comunicativos” (GOMES, 2011, p. 30). Segundo a Gomes (2011) Williams

mostrou que a vida cultural e a material estão profundamente interligadas, além disso desvendou o lastro da cultura popular.

O autor perpassa uma trajetória histórica das formulações dos significados de cultura acompanhada pelas alterações nas noções sociais e políticas de conceitos como indústria, classe, arte e democracia. Evidencia essa reflexão histórica e social da cultura como o ponto-chave que atravessa todos os conceitos significativos que traduziram as grandes mudanças da sociedade. Para Williams (2011) a passagem histórica pelas definições de cultura revelam a nossa maneira de interpretar uma experiência comum, e a partir dessa interpretação transformá-la.

Como nos casos em que a cultura significou um estado ou hábito da mente, ou o corpo de atividades intelectuais morais, ela hoje significa também todo um modo de vida. Ainda para o autor as modificações na vida e no pensamento dos sujeitos correspondem à própria linguagem que é o meio pelo qual eles* dão sentido as suas experiências. Para ele a linguagem é também a possibilidade de um desafio analítico para interpretar o conjunto de significados que organizam e dão sentido a tais modos de vida. Em suma, Williams (2011) subentende como sendo a cultura um processo de articulação entre elementos da estrutura e da vida privada, em resposta aos desenvolvimentos políticos e sociais.

Este aporte teórico fundador dos estudos culturais em torno do conceito de cultura tem como objetivo não reduzir as implicações do termo à abstração do seu objeto que é a própria transformação social. A cultura por si só é um termo a ser articulado para a própria concepção da vida em sociedade, sendo entendido num sentido amplo, e não reduzido a artefatos ou esforço intelectual do ser humano. Com essa mesma linha de reflexão elucidamos e firmamos nosso posicionamento sobre o sobre o conceito de cultura segundo o pensamento de Canclini (2009):

A sociedade está estruturada com dois tipos de relações: as de força, correspondentes ao valor de uso e ao de troca, e, dentro delas, entrelaçadas com estas relações de força, há relações de sentido, que organizam a vida social, as relações de significação. O mundo das significações, do sentido constitui a cultura (...). Pode-se afirmar que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social (CANCLINI, 2009, p. 41).

Com base nisso, quando nos propomos pensar a representação da cultura latino-americana como categoria central deste trabalho, buscamos apreendê-la em um campo de

significações produzidas conforme o intercâmbio material de produtos culturais. Essa conjuntura supõe um desafio metodológico e reflexivo sobre um grupo cultural em específico que se faz representar em meio à processos criativos, de circulação e consumo de significados. E analisar isso à luz do conceito de cultura e da abordagem dos estudos culturais é acima de tudo considerar as estruturas e as relações antagônicas e as identidades em questão.

Por mais que a cultura seja vista como uma instância simbólica da produção e reprodução de sentidos capazes de transformar a vida em sociedade, devemos priorizar para as relações materiais condicionantes dessa representação. Uma vez que a cultura não está restrita a um conjunto de obras artísticas e literárias. É também extensiva às materialidades de outras esferas, sendo inerente às relações de poder diversas que atravessam principalmente os processos comunicativos.

Sendo assim a perspectiva dos estudos culturais pode ser considerada não como uma disciplina, mas como uma abordagem transversal a diferentes áreas do conhecimento. Uma abordagem com caráter e função política inerente aos novos movimentos sociais e microgrupos culturais, caracterizada a partir de uma política de identidade. Sendo os próprios estudos culturais apontados como uma minoria no interior das estruturas acadêmicas pelos quais buscam sancionar o conhecimento da realidade que os aproximam de movimentos negros, das culturas populares e de massa, das questões de gênero, de classe, e do feminismo entre outros. São eles mesmos, os estudos culturais, uma minoria estigmatizada no contexto da hegemonia acadêmica.

Essa aproximação com os microgrupos tanto no sentido externo como no sentido endógeno de sua própria legitimação coloca a questão da identidade como uma das categorias principais dessa linha de pensamento. No entanto, como nos lembra Jameson (1993), não são as identidades tradicionais, determinadas por etnias nacionais a preocupação destes estudos, mas sim, as identidades mistas, complexas e deslocadas que se amparam na diferença para constituir o comum. É a identidade cultural vista pela ótica do provisório, na dinâmica dos processos comunicativos e de criação dos produtos culturais como bens sociais.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. **Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- _____. **Campo Intelectual y crisis socioeconômica**, in: In: ARROSA SOARES, M. S. (Org.). Os intelectuais nos processos políticos na América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1985. p. 150-161.
- _____. **Diferentes, Desiguais e desconectados**. 3.ed, UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.
- _____. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. SP: Iluminuras, 2008.
- ESCOSTEGUY A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **Uma releitura de um Clássico dos Estudos Culturais: as utilizações da cultura**. In: GOMES, Maria Mota Itania e JUNIOR, JederJanoti(orgs). Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: Edufba, 2011.
- HALL, S., EVANS, J. NIXON, S. **Representation**, London: SagePublications. 2013.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**, BH: Editora UFMG, 2003.
- _____. **Quem precisa de Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 11a ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 72-.
- HAMELINK C. J. **Globalização e Cultura do Silêncio**. In: HAUSSEN, Doris F. (org), Sistemas de Comunicação e identidades da América Latina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
- JAMESON, F. **Conflictos interdisciplinarios em lainvestigación sobre cultura**, ALTERIDADES, 1993 p. 93-117.
- PARÉS I MAICAS, M. **Consideraciones sobre La identidad cultural**. In: MARQUES Melo de (org). Identidades culturais latino-americanas em tempo de comunicação global. Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Paulo: IMS, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 6a ed. UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.
- _____. **Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MOTA GOMES, I. M., **Raymond WILLIANS e a hipótese cultural da estrutura do sentimento**. In: GOMES, Maria Mota Itania. Comunicação e Estudos Culturais. Salvador: Edufba, 2011.
- SODRÉ, M. **O jogo contra-hegemônico do diverso**. In: Eduardo G. COUTINHO (org). Comunicação e contra - hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- WILLIANS, R. **Cultura e Sociedade de Coleridge a Orwell**, Petrópolis: Vozes, 2011.